

UM ESTUDO VARIACIONISTA DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA

Laura Rosane Quednau (UFRGS/PUCRS)

1 A velarização e a vocalização da lateral pós-vocálica

Sabe-se que, na língua portuguesa, o /l/ é anterior [l] (ou seja, alveolar) em posição pré-vocálica, e, em posição pós-vocálica, é posterior [ɫ] (ou seja, velar). É o que se denomina *distribuição complementar*. Dessa forma, o fonema /l/ pode ter sua realização fonética como [l] ou [ɫ], dependendo de sua posição na sílaba, como vemos em (1):

(1) Realizações fonéticas do fonema /l/

Posição CV [l]	Posição VC [ɫ]
lado	alto
leitura	sol
lua	Brasil
limpo	carrossel

É na posição pós-vocálica (VC) que a lateral pode realizar-se como [ɫ] ou [w], o que é atestado pelos dados analisados nesta pesquisa, sob a perspectiva variacionista. Esse tipo de variante [ɫ ~ w], dita livre e de aplicação imprevisível na Fonologia Tradicional, é atribuída a um indivíduo ou a um grupo social ou regional. No entanto, a variação livre, à luz da proposta de Labov (1966, 1969, 1972), não é tão imprevisível como parece ser. Afinal, fatores lingüísticos e extralingüísticos podem privilegiar o uso de uma das formas, funcionando como condicionadores. Os exemplos são do seguinte tipo:

(2) Exemplos de variação do /l/ pós-vocálico

Vocábulo	[ʃ]		[w]
alto	a[ʃ]to	ou	a[w]to
sol	so[ʃ]	ou	so[w]
Brasil	Brasi[ʃ]	ou	Brasi[w]
carrossel	carrosse[ʃ]	ou	carrosse[w]

Vejam os agora a descrição e discussão dos resultados obtidos através da análise computacional realizada pelo pacote chamado VARBRUL (versão 1988), composto pelos programas CHECKTOK, READTOK, MAKECELL e IVARB.

2 Descrição e discussão dos resultados

Serão apresentados somente os resultados referentes às variáveis selecionadas pelo programa referido. As variáveis que exercem um papel importante na regra de vocalização foram classificadas pelo programa utilizado nessa pesquisa na seguinte ordem: *grupo étnico, acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e sexo*. As variáveis *faixa etária* e *sândi* não foram selecionadas pelo programa por não serem relevantes na aplicação da regra em estudo.

2.1 Variáveis extralingüísticas

2.1.1 Grupo étnico

Tabela 1
Efeito da variável *grupo étnico* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Metropolitanos	652/ 715 = 91%	0,95
Alemães	73/ 363 = 20%	0,25
Italianos	149/ 641 = 23%	0,26
Fronteiriços	142/ 525 = 27%	0,31
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input = 0,34 (383 células)

Como vemos na Tabela acima, os resultados comprovam o que era esperado: o grupo dos metropolitanos é o que mais aplica a regra (conversão da lateral pós-vocálica em [w]). Os fronteiriços vêm em segundo lugar, mas com valores muito baixos. Seguem-nos os italianos e os alemães, com valores bastante próximos.

Podemos dizer, então, que a regra é praticamente categórica para os metropolitanos, e inferir, a partir disso, que se trata de uma regra telescópica, pois, de acordo com Malmberg (1954), esse tipo de mudança tem início nas grandes cidades. Essa regra "... *pode ser definida geralmente como a perda de um estágio intermediário em uma derivação fonológica*" (Hyman, 1975, p. 173)¹. Isto é, houve um momento em que existiam todos os estágios. No presente, um dos estágios pode não mais existir, mas deve ter existido anteriormente.

Lopez (1980) prevê três estágios pelos quais passaria o /l/ em final de sílaba: a) velarizado [ɫ], b) velarizado e labializado [l^w] ou c) vocalizado em [ɥ]. A análise dos dados dessa pesquisa, que só considerou o primeiro e o terceiro estágios nos termos colocados por Lopez (1980), permite afirmar que, na capital, a regra encontra-se na fase final, pois o primeiro estágio já não existe mais; nas demais regiões, a regra ainda se encontra no primeiro estágio.

Com respeito à *faixa etária*, variável não escolhida como relevante pelo programa, constatamos em um outro nível de análise dessa mesma rodada do programa IVARB que os mais jovens (com idades que variam de 20 a 40 anos) e os mais velhos (com idades que variam de 41 a 55 anos) se comportam de forma semelhante com relação à aplicação da regra em estudo (respectivamente 0,49 e 0,51), o que oferece evidência em favor de estarmos diante de uma regra em processo final de evolução. Vejamos a Tabela que mostra os resultados referentes a essa variável:

Tabela 2
Efeito da variável *faixa etária* sobre
a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
20-40 anos	684/1352 = 51%	0,49
41-55 anos	332/ 892 = 37%	0,51
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input = 0,34 (383 células)

2.1.2 Sexo

Tabela 3Efeito da variável *sexo* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Freqüência	Peso relativo
Masculino	574/1210 = 47%	0,47
Feminino	442/1034 = 43%	0,53
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input = 0,34 (383 células)

Percebe-se nessa tabela que, em relação à variável *sexo*, os valores se aproximam bastante do ponto neutro, mostrando-se inexpressivos. De qualquer forma, constata-se alguma vantagem por parte da mulher com relação à aplicação da regra.

Considerando-se esses resultados, concorda-se com Labov (1972) quando diz que, apesar de essa ser uma variável que possa exercer influência sobre o uso de uma regra, não se pode atribuir aos homens ou às mulheres o papel de inovadores da língua, pois, com a variável *sexo*, interagem outros fatores sociais. Resultados semelhantes encontram-se em Bisol (1981), Hora (1990) e Monaretto (1992).

2.2 Variáveis lingüísticas

2.2.1 Acento

Tabela 4Efeito da variável *acento* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Freqüência	Peso relativo
Sílaba tônica (pólvora, dental)	582/1234 = 47%	0,67
Sílaba pretônica (calmante, almoço)	397/ 848 = 47%	0,60
Sílaba átona final (fácil, possível)	37/ 162 = 23%	0,24
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input = 0,34 (383 células)

Os resultados dessa variável mostram um comportamento semelhante da lateral pós-vocálica em sílabas tônicas e pretônicas, revelando que a vocalização da lateral é favorecida nessas duas posições. Percebe-se, ainda, que os valores próximos dessas categorias opõem-se aos valores

bastante baixos referentes às átonas finais. Nessa posição, a lateral tende a ser preservada. Parece, pois, que o acento tem papel importante no processo de vocalização da lateral.

Os resultados referentes à *silaba tônica* comprovam o que Guy (1986) afirma a respeito da saliência fônica: os traços mais salientes são processados e aprendidos mais facilmente. O ouvinte ou aprendiz primeiro percebe e depois adota a nova forma ou regra naqueles ambientes onde esta é mais saliente, e só mais tarde a mudança vai atingir os ambientes com menos saliência.

2.2.2. Contexto fonológico precedente

Tabela 5
Efeito da variável *cont. fonol. precedente* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Vogais /a/, /o/, /ɔ/ (hospital, solteira, folga)	855/1775 = 48%	0,55
Vogal /u/ (vulto)	55/ 170 = 32%	0,34
Vogais /e/, /ɛ/ (horível, mel)	51/ 101 = 50%	0,66
Vogal /i/ (Brasil)	55/ 198 = 28%	0,44
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input = 0,34 (383 células)

De acordo com os resultados dessa Tabela, as vogais médias anteriores /e/ e /ɛ/ são as que mais favorecem a aplicação da regra, seguindo-se-lhes as posteriores /a/, /o/ e /ɔ/. São as vogais altas (/i/, /u/) que a favorecem menos, sobretudo a posterior /u/. Neste particular, vale lembrar a observação de Câmara (1977, p. 45):

"... a variedade locucional que chamamos relaxada (/w/) anula essa oposição (/l/ velar ~ /w/) depois de /a/ ou vogal anterior. Como depois de vogal posterior não aparece /w/ (pois /ow/ confunde-se com /o/ e /uw/ e /ów/ não constam do vocabulário português), /w/ e /l/ velar passam a constituir uma distribuição complementar de /l/ em posição pós-vocálica, conforme a vogal precedente seja respectivamente

anterior ou posterior e os ditongos decrescentes com /w/ re-
parecem em português".

Esse quadro também que se faça uma relação entre vogais altas e não-altas, pois a /i/ e /u/ são atribuídos valores mais baixos. Assim, pode-se dizer que as vogais altas, seja /i/ seja /u/, tendem a preservar a forma original, enquanto as demais vogais tendem a favorecer a vocalização da lateral, pois se apresentam com números acima de 0,50, seja /a, o, ɔ/, seja /e, ε/, que, na Tabela, estão separados.

Isso pode estar relacionado com o fato de se criarem ditongos nítidos no caso de vogais não-altas, isto é, quando as vogais que formam ditongo ficam foneticamente separadas quanto à altura, o que favorece a regra; já no caso de duas vogais com a mesma altura (com valores pouco distanciados), haveria uma tendência a reter o processo em virtude de as combinações entre duas altas se prestarem a interpretações ambíguas.

2.2.3 Contexto fonológico seguinte

Tabela 6
Efeito da variável *cont. fonol. seguinte* sobre
a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Cons. altas (palatal e velar) (acolchoado, alguém)	209/ 388 = 54%	0,67
Labial (galpão)	179/ 413 = 43%	0,41
Lateral (tal lugar)	8/ 14 = 57%	0,65
Alveolar e pausa (salsa, sul#)	564/1254 = 45%	0,57
Vogais (carnaval é, mal uma)	56/ 175 = 32%	0,22
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input = 0,34 (383 células)

Os resultados dessa Tabela mostram grande proximidade entre os valores referentes às consoantes altas e à lateral. Logo em seguida vêm os valores referentes à alveolar e à pausa, ainda positivos. Abaixo do ponto neutro, localizam-se os valores referentes à labial e às vogais, sendo as vogais o contexto que menos favorece a regra. O contexto fonológico seguinte revela, pois, papéis diferenciados.

Sendo [w] emitido com o dorso da língua elevado, é logicamente compreensível o fato de consoantes com articulação alta favorecerem a vocalização do /l/ em posição pós-vocálica. Assim, tanto a consoante velar, articulado com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado, são fatores relevantes para a aplicação da regra em pauta.

Também a lateral seguinte é fator relevante para o uso da regra em estudo. Esse favorecimento ampara-se na lei do menor esforço, pois a produção de uma lateral velar (ta[ɣ]) e, logo a seguir, uma lateral alveolar ([l]ugar) exigiria um grande esforço por parte do falante. Portanto, a vocalização da lateral, nesse caso, ocorre para impedir a combinação indesejável $\gamma + l$.

Agrupadas as alveolares e a pausa por apresentarem, quando separadas, valores similares, qualquer comentário sobre esse comportamento se torna difícil em virtude de se tratar de elementos diferentes.

Por fim, as vogais (0,22) e a consoante labial (0,41) apresentam indícios numéricos que permitem atribuir-lhes um papel negativo no uso de [w] por [ɣ]. Com efeito, os números indicam que tenderiam a preservar a forma antiga.

2.2.4 Posição da lateral

Tabela 7
Efeito da variável *posição da lateral* sobre
a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Interior de vocábulo (algumas, maldade)	385/ 949 = 41%	0,36
Final de vocábulo (animal#, sal#)	483/1085 = 45%	0,38
Composição e sufixos especiais -mente e -zinho (geralmente, pastelzinho)	148/ 210 = 70%	0,75
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input = 0,34 (383 células)

Os resultados da análise estatística e probabilística dessa variável mostram que a preservação da lateral tende a ser a regra que prevalece tanto no interior do vocábulo (almoço) quanto no final do vocábulo (sal). Como vemos, a posição em que a vocalização da lateral mostra-se mais atuante é na composição ou diante de sufixo especial (paste[ɣ]zinho > paste[w]zinho).

Dessa forma, pode-se perceber que todas essas considerações vêm em apoio à nossa pressuposição inicial: a lateral velarizada [ɣ] é ainda um traço presente no dialeto gaúcho, embora a variante vocalizada [w], como vimos, também venha a manifestar-se com certa consistência. A frequência de uso de [w] assim se coloca:

(3) **Frequência geral do uso de [w]**
1016/2244 = 45%

Esses valores demonstram que já houve um avanço significativo do uso da variante vocalizada com relação à variante velarizada e que a regra está em evolução.

3 Conclusões

Podem-se resumir os resultados desta investigação, que visou a estudar o fenômeno da variação da lateral pós-vocálica em quatro comunidades sociolingüísticas diferenciadas do extremo sul do país, da seguinte forma:

1. Dentre as variáveis lingüísticas e extralingüísticas examinadas, a que se apresentou com relevância maior no comportamento diferenciado da lateral pós-vocálica foi *grupo étnico*. Isso é suficiente para justificar que [ɬ ~ w] é uma *variável sociolingüística*, embora tenha o caráter de regra telescópica no sentido de que desenvolve um caminho natural de evolução, facilmente detectável e previsível. Portanto, a variação de [ɬ] ou [w] depende principalmente do grupo étnico a que o indivíduo pertence, sendo favorecida relativamente por outras variáveis lingüísticas como *acento*, *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte e posição da lateral*, como costuma acontecer com regra variável.

2. As variáveis que exercem um papel importante na regra de vocalização foram classificadas pelo programa utilizado nessa pesquisa na seguinte ordem: *grupo étnico*, *acento*, *posição da lateral*, *contexto fonológico seguinte*, *contexto fonológico precedente e sexo*.

3. Com referência às variáveis lingüísticas analisadas, os fatores que favorecem mais a aplicação da regra (resultados com valores acima de 0,50) são sílaba tônica e pretônica (*acento*); vogais não-altas (*contexto fonológico precedente*); consoantes altas, lateral, alveolar e pausa (*contexto fonológico seguinte*); composição e sufixos especiais -mente e -zinho (*posição da lateral*).

4. Com referência às mesmas variáveis, os fatores que favorecem menos a aplicação da regra (resultados com valores abaixo de 0,50) são átona final (*acento*); vogais altas (*contexto fonológico precedente*); consoante labial e vogais (*contexto fonológico seguinte*); final de vocábulo e no interior de vocábulo (*posição da lateral*).

Diante do exposto, conclui-se que a variação ɬ ~ w efetivamente existe e está relacionada principalmente com a variável *grupo étnico*, o que é suficiente para justificar o tratamento sociolingüístico dado à regra.

4 Nota

1 can be defined generally as the loss of an intermediate stage in a phonological derivation". (Hyman, 1975, p.173)

5 *Referências Bibliográficas*

- BISOL, Leda. Harmonização vocálica : uma regra variável. Rio de Janeiro : UFRJ, 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro : Padrão, 1977.
- GUY, Gregory. Saliency and the direction of syntatic change. 1986. mimeo.
- HORA, Dermeval da. A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear. Porto Alegre: PUC-RS, 1990. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.
- HYMAN, Larry M. Phonology : theory and analysis. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- LABOV, William. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. Language, v. 45, n. 4, p.715-762, 1969.
- _____. The social stratification of English in New York city. Washington : Center of Applied Linguistics, 1966.
- _____. Sociolinguistic patterns. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPEZ, Barbara Strodt. The sound pattern of Brazilian Portuguese : Cariocan dialect. Los Angeles : University of California, Ann Harbor, University Microfilms International, 1980. Tese (Doutorado) - University of California, 1980.
- MALMBERG, Bertil. A fonética. Lisboa : Livros do Brasil, 1954.
- MONARETTO, Valéria N. de O. A vibrante: representação e análise sociolinguística. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.
- SCHERRE, Maria M. P. Introdução ao VARBRUL versão 1988. 1992. mimeo.